



XIV Encontro Nacional da ANPUR

23 a 27 · maio · 2011 · Rio de Janeiro

XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR

Maio de 2011

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

AS CENTRALIDADE DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Maria de Lourdes Pereira Fonseca (Universidade Federal do ABC - UFABC) - lourdes.fonseca@ufabc.edu.br
Arquiteta, doutora em urbanismo pela Universidad Politécnica de Cataluña, professora adjunta da Universidade Federal do ABC – UFABC na área de planejamento e gestão do território

As Centralidade do Município de São Paulo

Resumo

O artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa que teve por objetivo o estudo das áreas de centralidade no município de São Paulo. Buscou-se identificar, localizar e analisar o padrão de distribuição dessas áreas, verificando em que medida eles suprem as necessidades da população. Os resultados apontaram a existência de uma estrutura urbana fortemente centralizada pelo chamado Centro Expandido, sendo que as outras áreas mais significativas se localizam ao seu redor. Quanto mais se afasta desse centro, no entanto, a rede de centralidades se configura como uma grande teia que segue as principais vias da cidade. Os estudos demonstraram também que há pouca diferenciação em grande parte dessas áreas e que a pequena diversidade das mesmas resulta numa baixa capacidade de atendimento às necessidades da população. Com base nesses resultados, sugere-se as políticas públicas que deveriam ser adotadas em relação à questão.

Introdução

Este artigo apresenta parte da pesquisa sobre as áreas de centralidade existentes no Município de São Paulo¹. O interesse pelo tema advém do fato de que as metrópoles contemporâneas vem apresentando, desde as últimas décadas do século passado, uma crescente dispersão de população e atividades no território, que resultou na substituição do antigo modelo espacial de um centro em oposição à uma periferia espalhada, por sistema em redes, polarizado por diversos centros localizados em vários pontos do território.

Se, em princípio, a dispersão urbana é um fator de indução de formação de várias centralidades, é de supor que essas surjam naturalmente pelo território. No entanto, no caso das cidades brasileiras, vários estudos apontam que a localização das mesmas está fortemente condicionada ao padrão de concentração das elites. Nesse sentido, o objetivo de nossa pesquisa foi verificar como as diversas centralidades se localizam na cidade de São Paulo e quais as características que elas assumem nas diversas regiões da cidade.

A primeira parte do artigo trata, de forma sucinta, da dispersão urbana e os seus impactos na formação de novas centralidades na cidade contemporânea. A seguir, é apresentado a metodologia utilizada na pesquisa para a localização, determinação e classificação das diversas áreas de centralidade de São Paulo. A terceira parte apresenta os resultados da pesquisa. Por fim, as considerações finais buscam traçar um perfil da rede de centralidades da cidade e discutir as políticas públicas que deveriam ser adotadas em relação à questão.

1 O processo de formação de novas centralidades na cidade contemporânea

As metrópoles contemporâneas tendem, cada vez mais, a apresentar uma estrutura urbana dispersa, onde o sistema de redes substitui o antigo modelo centro-periferia. Nesse contexto, adquire o interesse o papel que as centralidades exercem na sua estruturação.

O fenômeno de dispersão de população e atividades no território metropolitano, contudo, não é recente. Desde o final do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte permitiu o crescimento das cidades e o progressivo deslocamento das áreas residenciais para os subúrbios, seguido por um movimento seqüencial de fábricas, residências, escritórios, comércio varejista, serviços públicos e outras atividades urbanas. No entanto, as cidades apresentavam, ainda, uma significativa centralização dada pela concentração de atividades financeiras e bancárias, sedes de empresas e escritórios no centro, que, aos poucos, passaram a se configurar como o centro de negócios (*Central Business District* - CBD).

No Brasil, esse modelo hierarquizado de cidade foi se consolidando ao longo do século XX, especialmente no pós-guerra, quando o crescimento da produção e do consumo de massas resultou numa crescente demanda por espaço urbano. Isso converteu as grandes cidades

em metrópoles regionais, com uma estrutura espacial formada pelo centro em oposição a uma periferia suburbana espraiada. Se o núcleo (*core*) ou cidade central apresentava características semelhantes aos das metrópoles dos países desenvolvidos, ao reunir as principais atividades econômicas, políticas e culturais, a periferia, no entanto, era ocupada, majoritariamente, pela população de baixa renda, marcada pela irregularidade fundiária, a ausência de infraestrutura básica e dos serviços públicos.

O processo de globalização, ocorrido na década de 1970, provocou mudanças estruturais no capitalismo, com conseqüentes transformações na organização do território. Essa nova fase da economia mundial se caracteriza pela emergência de novos setores de produção, novas formas de proporcionar serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, altos níveis de inovação comercial, tecnológica e organizativa. Isso favoreceu, entre outras coisas, o deslocamento do eixo da produção do setor industrial para o de serviços, o aumento do desemprego e da pobreza e a aparição de novas formas de fragmentação e diferenciação social e territorial (CASTELLS, 1995, ASCHER, 1998, SOJA, 2000).

Nas metrópoles, essas mudanças resultaram em processos espaciais que se caracterizam principalmente pelo reforço dos distritos urbanos de tomada de decisões (os CBDs) - que continuam a concentrar serviços prioritários e as atividades altamente qualificadas e estratégicas - e a suburbanização das atividades empresariais e de escritórios - especialmente aquelas que necessitam e podem se localizar próximo às áreas residenciais de seu público alvo (CASTELLS, 1995, ASCHER, 1998, SOJA, 2000).

Isso é consequência, sobretudo, das novas tecnologias de comunicação, de informação e de transporte, assim como do sistema viário metropolitano, que possibilitaram a crescente dissociação entre as diferentes funções da vida cotidiana - trabalho, compras, entretenimento, saúde, educação, serviços públicos, governo etc. -, o que tem se revertido, muitas vezes, na criação de centros especializados de residência, trabalho, consumo e lazer, formados em áreas da periferia, sem continuidade com o tecido já existente.

Dessa forma, num processo de crescimento que não pode ser simplesmente descrito como extensão, o espaço metropolitano passou a cobrir uma região muito maior do que antes e as metrópoles tendem para configurações cada vez mais expandidas ou até mesmo difusas. Seu crescimento já não se realiza apenas por dilatação concêntrica, mas também pela integração, no seu funcionamento cotidiano, de territórios cada vez mais afastados, o que aumenta a sua descontinuidade espacial.

Determinados pontos do território, os que concentram potencialmente os fluxos e atividades, tornaram-se, potencialmente, focos de centralidades, transformando as áreas metropolitanas em estruturas espaciais multinucleares e multifuncionais que, pouco a pouco, substituí o esquema radial-cêntrico anterior.

Essas novas centralidades são geralmente de baixa densidade, formadas por edifícios dispersos, ocupando grandes áreas, onde os automóveis e os estacionamentos dominam a cena. Inicialmente dedicados ao consumo de massas, lentamente passaram a agregar outras atividades de serviços mais inovadores como hotéis, escritórios, lugares de lazer, instalações produtivas e serviços variados, que servem aos diversos condomínios fechados de classe média e alta que proliferaram nas periferias.

Em diversos países, a localização dessas novas centralidades parece estar ligada aos principais eixos da rede viária, aos grandes terminais de transporte de massa, aos novos centros induzidos pelas ações do poder público - como estratégias de descongestionar e preservar os centros históricos tradicionais - ou mesmo aos locais escolhidos pelo capital privado para implantar os grandes equipamentos que não encontram espaço no tecido urbano já consolidado.

No entanto, no Brasil, a localização desses novos centros obedecem também à outros fatores, resultantes de antigas dinâmicas existentes em nossas cidades. Numa sociedade marcada por grande desigualdade social, a distribuição de pessoas e atividades no espaço urbano é feita segundo a lógica de separação das populações segundo o seu status social. Os bairros ocupados pelas elites e população de classe média, tanto os mais centrais como os localizados na periferia, normalmente apresentam os melhores indicadores de qualidade ambiental e tendem a atrair, para o seu entorno, as atividades de comércio e serviços de que necessitam, recriando, dessa forma, os elementos de centralidade (VILLAÇA, 2001). Por outro lado, os bairros da periferia, destinados à população de baixa renda, são carentes de infra-estrutura e de serviços e comércio mais diversificado.

Dessa forma, o processo de formação de centralidades, que parece, em princípio, estar ligado ao crescimento das grandes cidades e metrópoles, deve ser analisado também, no caso das cidades brasileiras, em relação ao padrão de localização das diferentes classes sociais no território metropolitano. A nossa hipótese é que esses novos centros tendem a surgir apenas nas proximidades dos locais de concentração das classes média e alta, visto que, em muitos setores das regiões metropolitanas, o baixo poder aquisitivo da população, apesar de numerosa, não é suficiente para induzir ou estimular o surgimento de subcentros fortes, capazes de desempenhar parte das funções do centro principal.

O presente trabalho visa contribuir para o entendimento desta questão, por meio da análise da distribuição e da composição das áreas de centralidade do Município de São Paulo. Diversos autores como Villaça (2001) e Frúgoli Jr. (2000) têm se ocupado em estudar o processo de formação de novos centros, ou subcentros, na cidade de São Paulo. No entanto, a maioria desses estudos focam-se nos subcentros localizados nas áreas de concentração das elites e pouco se conhece sobre os localizados no restante da cidade.

2 Metodologia de pesquisa

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotamos o termo áreas de centralidade, ou subcentro, partindo do conceito proposto por Villaça (2001). De acordo com o autor, um subcentro consiste numa réplica em tamanho menor do centro principal, com o qual concorre em parte, sem, no entanto, a ele se igualar. Devido às suas características, localização e à sua zona de influência menor que o centro principal, atende apenas uma parte da cidade e não a sua totalidade. Esse conceito excluiu, portanto, os setores da cidade bastante especializados, que podem até atender um grande número de usuários, mas não podem, devido à sua pouca diversidade, serem considerados subcentros, visto que esses devem exercer uma atração, ou polarização, mais constante sobre um número maior de pessoas.

Assim sendo, a variedade equilibrada de comércio e serviços que ele apresenta e a complementaridade entre diferentes funções é a sua principal característica e está diretamente ligada ao seu poder estruturador ou polarizador. Essa “variedade equilibrada”, alcançada “naturalmente” pelas forças de mercado, é responsável pela otimização dos deslocamentos dos consumidores, sendo que quanto maior a variedade de comércio e serviços existentes num centro, ou subcentro, menor o número de viagens que um consumidor precisa para ter todas suas necessidades atendidas. Dessa forma, os grandes subcentros têm tudo o que os consumidores precisam, inclusive no tocante aos serviços, públicos e privados.

Pode-se dizer, então, que uma área caracteriza-se como um subcentro quando apresenta estabelecimentos de comércio e serviços em quantidade, variedade e porte significativos. Assim, por definição, ele está relacionado ao setor terciário, não guardando, necessariamente, relação com a distribuição das atividades industriais, visto que essas têm outra lógica de distribuição no espaço urbano.

Um trabalho anterior do autor (VILLAÇA, 1978)² pode ser considerado o pioneiro no estudo dos subcentros no Município de São Paulo. Tendo por referência o trabalho dos geógrafos cariocas publicado em 1967, o objetivo de sua pesquisa era identificar e avaliar o porte dos diversos subcentros existentes em diversas capitais, entre as quais, São Paulo. O ponto de partida foi a localização das agências bancárias, com base na premissa de que onde houvesse a concentração de bancos haveria também a concentração de comércio varejista e serviços (VILLAÇA, 1978, p. 384).

Após a localização dessas áreas, Villaça fez um levantamento dos estabelecimentos de comércio e serviços considerados significativos: lojas (médias, grandes e de departamento), bancos e cinemas. A classificação dos subcentros foi feita pela contagem dos estabelecimentos, desconsiderando as lojas excessivamente pequenas e pobres, e adotando-se um critério de ponderação, que lhes conferia um peso proporcional ao seu

porte e importância³. Esse levantamento resultou numa listagem dos subcentros existente em São Paulo, na época.

O ponto de partida de nosso trabalho foi a localização das áreas onde há a concentração das atividades de comércio e serviços, através do georreferenciamento das empresas do município constantes no Cadastro de Empresas Sempla/Cebrap 2008, desenvolvida pela Sempla e Cebrap a partir do Cadastro de Estabelecimentos Empregadores do Ministério do Trabalho e Emprego - CEE/MTE e da Relação Anual de Informações Sociais Identificada – RAIS, de 2006. Como o nosso foco eram as áreas de centralidade ligadas às atividades de comércio e serviços, utilizaram-se apenas dados desse tipo de empresas. Foram desconsideradas também as microempresas, uma vez que essas se encontram dispersas por todo o município e, portanto, não servem como indicador dos principais focos de centralidade.

No intuito de melhor determinar a localização das áreas e definir a constituição das mesmas, o passo seguinte foi o georreferenciamento de estabelecimentos de diversos tipos: bancos, shopping centers, igrejas, hospitais, teatros, cinemas, estações de metrô, terminais ou corredores de ônibus, Clubes da Comunidade – CDCs, Centros Educacionais Unificados – CEUs, Clubes Escola, escolas de ensino médio, faculdades e mercados, por serem consideradas atividades de abrangência que extrapolam a escala estritamente local. Dessa forma, foi possível determinar a composição de cada área, levando-se em conta o número e a diversidade de tipos de estabelecimentos, assim como o número total de empregados nas empresas de comércio e serviços.

A partir da identificação dos lugares que apresentavam uma concentração desses estabelecimentos, foi realizada a determinação das áreas de centralidade, ou subcentros, considerando o menor perímetro possível das mesmas. Para isso foi levado em consideração o sistema viário e os elementos ou barreiras que pudessem impor interrupções entre elas. A grande dificuldade foi determinar quando terminava uma área e iniciava outra. Definiu-se, como critério, que elas deveriam ser as menores possíveis, para possibilitar uma maior equidade na comparação das mesmas. No entanto, haviam alguns locais que apresentavam uma grande densidade de estabelecimentos, distribuídos ao longo de várias vias, ficando impossível separar uma área da outra. Nesses casos, foi considerada como uma única área de centralidade (ver Figura 1).

Disso resultou dois padrões de áreas: as lineares – formadas ao longo de uma ou mais vias – e as nucleares – que abrangem parte de uma região, agregando vários estabelecimentos ao longo de diversas vias. No entanto, em muitos casos, a simbiose entre as áreas é muito grande. Muitas centralidades nucleares estão conectadas à outras por trechos de vias, ou até mesmo, estão conectadas à centralidades lineares, como se fossem a expansão dessas

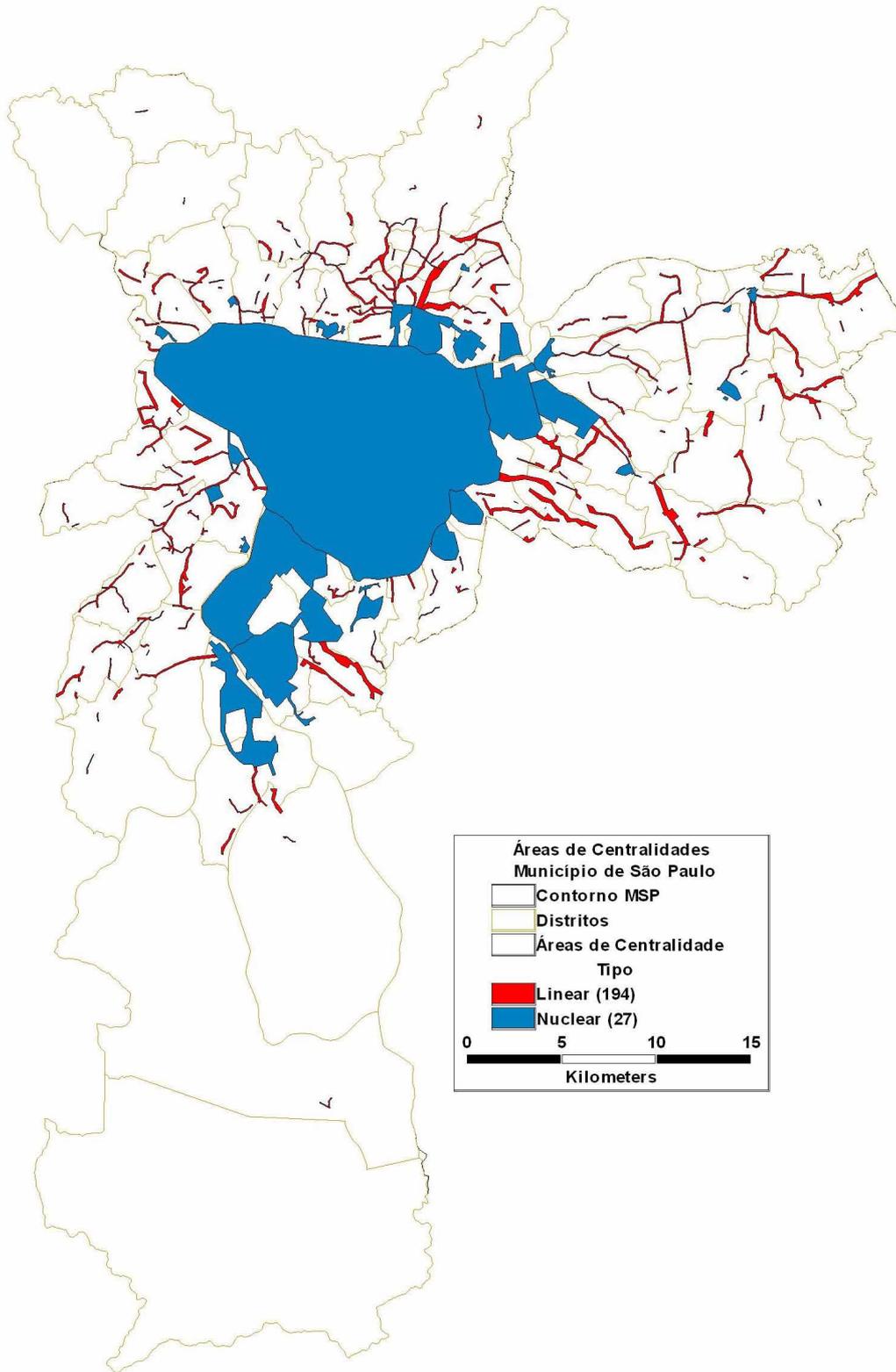


Figura 2 – Divisão das áreas por tipo de centralidade.

3 As áreas de centralidade do Município de São Paulo

Nossa pesquisa revelou a existência de 221 áreas de centralidade e, como dito anteriormente, que se dividiam em dois grupos, segundo as características de sua forma física: lineares e nucleares. Foram identificadas 27 áreas do tipo nuclear, que correspondem 12,2% do total, que se localizam, na sua maioria, ao redor do centro expandido, nas diversas regiões da cidade. Há, portanto, um predomínio das áreas do tipo linear (195 áreas, correspondente a 87,78% do total), que estão distribuídas por todo o Município de São Paulo.

Para análise das diversas áreas, segundo o método proposto, foram definidos, *a priori*, três grupos formados por: as áreas que contém apenas estabelecimentos de comércio e serviços, o Centro Expandido e as áreas de centralidade à escala metropolitana. Isso se deveu ao fato de que, por apresentarem um número de estabelecimento muito acima ou muito abaixo das demais, poderiam interferir sobremaneira na média da cidade. A partir de então, a análise fatorial definiu 4 grupos para as 171 áreas restantes (ver Figura 3).

3.1 Grupo 1

Esse grupo, definido previamente, é formado pelas áreas que apresentam apenas estabelecimentos de comércio e serviços, num total de 44 áreas, representando 19,9% do total. São áreas do tipo linear, com pequenas dimensões, localizadas em todas as partes da cidade, abrigando, portanto, população de diferentes níveis de renda. A pouca variedade de estabelecimentos dessas áreas denota uma falta de diversidade e, conseqüentemente, uma baixa capacidade de atendimento às diversas necessidades da população.

3.2 Grupo 2

Essa área, correspondente ao Centro Expandido, devido ao seu tamanho, apresenta os maiores valores em todas as dimensões analisadas. Constitui, na verdade, uma grande região, maior que muitas cidades do Brasil, com 149,81 Km² de área. Pode-se dizer, grosso modo, que ela está inscrita num retângulo de 18,5 km por 13,5 km e conta com 229.043 estabelecimentos de comércio e serviços que acupam 2.085.043 de pessoas.

Apresenta uma grande concentração de todos os tipos de estabelecimentos e abriga uma população de diversas rendas. No entanto, pode-se dizer que há um predomínio de renda superior a 5 salários mínimos, sendo que a população de maior poder aquisitivo está localizada no porção sudoeste da mesma.

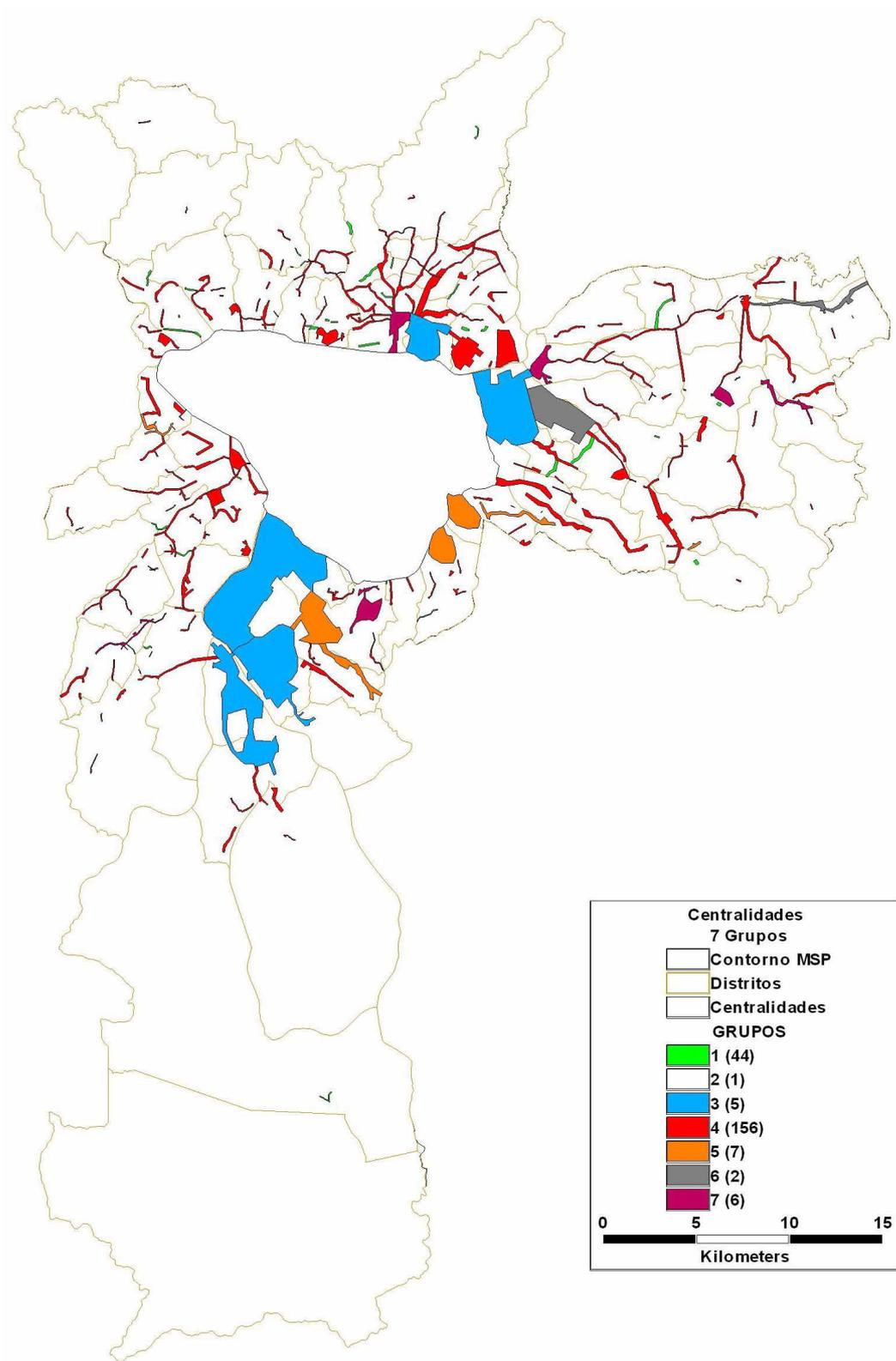


Figura 3 – Classificação das áreas de centralidade por grupos.

3.3 Grupo 3

É formado pelas 5 maiores áreas de centralidade do MSP, exceto o Centro Expandido: Itaim Bibi-Santo Amaro, Tatuapé, Campo Grande, Socorro-Cidade Dutra e Vila Guilherme. Ainda que existam diferenças significativas entre elas quanto ao porte, número de estabelecimentos e diversidade, devido à concentração de atividades e empregos desempenham um papel de centralidade ao nível da metrópole e região.

A área formada pelo Distrito de Itaim Bibi e parte do Distrito de Santo Amaro constitui-se na expansão do centro em direção ao Setor Sudoeste. Apresenta o segundo maior valor em todas as dimensões, exceto em estabelecimentos esportivos, de transporte e igrejas, sendo também a segunda maior área em extensão. Abriga uma população com alto poder aquisitivo, com média renda superior a 10 salários mínimos.

A área que abrange o Distrito de Tatuapé e parte do Carrão, Água Rasa e Vila Formosa é a terceira maior em número de estabelecimentos de comércio e serviços, bancos, igrejas, compras e culturais, e a segunda maior em transporte. Assim como na área anterior, há o predomínio de população com renda maior que 10 salários mínimos.

A área situada no distrito de Campo Grande apresenta valores médios em todas as dimensões superior à média da cidade. É a quarta área em comércio e serviços, igrejas, educação, bancos e culturais, e a terceira em estabelecimentos esportivos, de compras e saúde. Possui várias faculdades, shoppings, estações de metrô e hospital. Há um predomínio de população com renda maior que 10 salários mínimos, apesar de parte da área ser ocupada por população com média de renda de 5 a 10 salários mínimos.

Compõe também esse grupo a área situada no distrito de Socorro e Cidade Dutra. Também com valores médios superiores à média da cidade, é a quinta em comércio e serviços e a terceira em saúde e educação, com destaque para a presença de estabelecimentos de esportes e igrejas. No entanto, há ausência de estabelecimentos culturais e de compras. Ali predomina uma população com renda de 5 a 10 salários mínimos.

A quinta área que compõe esse grupo situa-se no distrito de Vila Guilherme. Possui médias superiores à média em todas as dimensões, com destaque para a presença de quatro shoppings, o que a coloca em terceiro lugar em estabelecimentos de compras no município. No entanto, a área apresenta poucos estabelecimentos esportivos, culturais, igrejas e nenhum estabelecimento de transporte e saúde, o que lhe confere uma característica peculiar de atender mais às necessidades da cidade como um todo do que às características locais propriamente dita. Ocupa sexto lugar em número de bancos. A população tem média de renda de 5 a 10 salários mínimos.

3.4 Grupo 4

É o maior grupo, com 156 áreas distribuídas por todo o município, apresentando, inclusive, algumas centralidades do tipo nuclear.

Por ser o grupo com maior número de áreas, o número médio de estabelecimentos encontrados em cada dimensão tende a coincidir com a média do Município de São Paulo. No entanto, essas médias são significativamente menores do que a dos demais grupos, exceto ao Grupo 1, que como dito anteriormente, apresenta apenas estabelecimentos de comércio e serviços.

Destaca ainda o fato de que os estabelecimentos de transporte, esportivos, culturais e de compras são bastante inexpressivos, com a média de 0,1 estabelecimentos por área.

Devido ao grande número de áreas, estão localizadas em regiões com população de todas as faixas de renda, mantendo, portanto, a mesma lógica de distribuição de renda do Município de São Paulo: predominância de 5 a 10 salários mínimos, com a tendência de baixar para a faixa de 3 a 5 quando se aproxima dos limites da cidade.

3.5 Grupo 5

Composto por 7 áreas, das quais três são do tipo nucleares - Jabaquara (Av. Vereador João de Luca), Sacomã, Ipiranga - e quatro do tipo lineares - Av. Cupecê (Cidade Ademar), Av. Corifeu de Azevedo Marques (Jaguaré/ Rio Pequeno), Av. Costa Barros (Vila Prudente) e Av. Satélite (São Mateus).

Esse grupo apresenta, em geral, médias iguais ou superiores à da cidade, sendo inferior apenas em transporte. Destaca-se principalmente a presença de igrejas e estabelecimentos esportivos, mas em geral, as áreas são bastante inexpressivas nos setores de cultura, transporte, compras e saúde.

A área situada no Distrito de Jabaquara apresenta o número de estabelecimentos bancários, esportivos, de ensino e igrejas maior do que a média do município, mas nenhum hospital, transporte ou estabelecimentos de compras e cultural. Nela predomina uma população com renda de 10 a 20 salários mínimos, mas é significativa também a população com renda média superior a 20 salários mínimos.

A área localizada no Distrito de Sacomã também apresenta uma média de bancos, clubes, igrejas, educacionais e hospital acima da média, mas não foi identificado nenhum estabelecimento de compras, cultural ou de transporte. Há um predomínio de população com renda média de 5 a 10 e também de 10 a 20 salários mínimos.

A área de centralidade do Distrito de Ipiranga apresenta todos os tipos de estabelecimentos, numa média acima da do município, mas não conta com nenhum hospital.

A área formada ao longo da Av. Cupecê, atravessa o distrito de Cidade Ademar. Nela há ausência de estabelecimentos de saúde, compras, cultural e transporte, sendo a média dos

demais superior à da cidade. Quanto à renda da população, há um predomínio de renda média na faixa de 5 a 10 salários mínimos.

Integra esse grupo também a área situada ao longo da Av. Corifeu de Azevedo Marques, que atravessa os distritos de Jaguaré e Rio Pequeno. Além de estabelecimentos de comércio e serviços, a área conta apenas com clubes e igrejas, estando ausente os demais tipos de estabelecimentos. Há um predomínio de população com renda média na faixa de 5 a 10 salários mínimos, mas há também setores na faixa de 10 a 20 salários mínimos.

A área localizada no Distrito de Vila Prudente apresenta todos os tipos de estabelecimentos em média superior à do município, mas não possui estabelecimentos de compras, cultural e transporte. Há uma grande variação de renda média da população, mas com predomínio da faixa de 5 a 10 salários mínimos.

Na área situada ao longo da Av. Satélite, que atravessa o distrito de São Mateus, há ausência de estabelecimentos bancários, saúde, compras, cultural e transporte, sendo os demais com média superior à da cidade. Quanto à renda da população, há um predomínio de renda média na faixa de 5 a 10 salários mínimos.

3.6 Grupo 6

Esse grupo é composto por duas áreas: uma localizada no distrito de Carrão e outra constituída pela área do entorno da Avenida Marechal Tito (distritos de São Miguel, Vila Curuçá e Itaim Paulista). Apresenta valores médios em todas as dimensões superiores à média do município. Apesar de ser constituído apenas por duas áreas, se destaca do Grupo 7 por apresentar médias bastante superiores àquele, exceto na dimensão transporte.

A área do Carrão é estruturada ao longo da Avenida Conselheiro Carrão, que faz a ligação com o Tatuapé, ao longo da qual se localizam diversos bancos e um hospital. A Avenida Aricanduva, apesar de abrigar o Shopping Leste Aricanduva, não se configura como uma importante via de comércios e serviços da área, pois abriga poucos estabelecimentos. Há um predomínio de população com renda média na faixa de 5 a 10 salários mínimos, mas apresenta também áreas com renda de 3 a 5 salários mínimos e também de 10 a 20 salários mínimos.

A área da centralidade em torno da Avenida Marechal Tito é um pouco menor que a anterior. Destaca-se em estabelecimentos de saúde e compras. Como a via é extensa, há uma variação de setores com população de faixa de renda de 3 a 5 salários mínimos e de 5 a 10 salários mínimos.

3.7 Grupo 7

Esse grupo é composto por seis áreas de centralidade, na maioria do tipo nuclear, formado pelo Jabaquara, Santana, Penha, Itaquera, Estrada de Itapecerica (Capão Redondo) e Estrada de Itaquera Guaianases, localizadas em diversos setores do município.

Com média de estabelecimentos superior à da cidade em todas as dimensões, inclusive às do Grupo 5, fica abaixo deste apenas em estabelecimentos esportivos e igrejas. Mesmo considerando a média geral da cidade (incluindo os Grupos 2 e 3), as médias se mantêm mais altas, exceto em estabelecimentos esportivos.

Em Santana, a área do tipo nuclear é bem servida pela rede de transportes, com metrô e corredores de ônibus. Apresenta estabelecimentos de todos os tipos analisados, exceto clubes e hospitais, inclusive dois shoppings centers. Há um predomínio de população com renda média na faixa de 10 a 20 salários mínimos.

A área localizada na Penha possui todos os tipos de estabelecimentos, exceto clubes e inclusive shopping center, mercado e corredores de ônibus. Há um predomínio de população com renda média de 5 a 10 e de 10 a 20 salários mínimos.

A área situada em Itaquera apresenta estabelecimentos de todos os tipos analisados, exceto clubes, hospitais e culturais. Há um predomínio de população com renda média na faixa de 5 a 10 salários mínimos. No entanto, o centro da área é ocupado por uma população de renda média de 10 a 20 salários mínimos.

A área que se estende ao longo da Estrada de Itaquera Guaianases até Estrada de Poá não apresenta estabelecimentos esportivos e culturais. A média dos demais estabelecimentos também é baixa. No entanto, ela se destaca no setor de transporte, com uma estação de metrô e um terminal/corredor de ônibus. A renda média da população varia entre as faixas de 3 a 5 e de 5 a 10 salários mínimos.

A segunda área de centralidade do Distrito de Jabaquara, também do tipo nuclear, é estruturada pelas avenidas George Corbusier e Armando de Arruda Pereira. Apresenta estabelecimentos de todos os tipos analisados, inclusive um shopping center, mas não possui nenhum hospital. Há um predomínio de população com renda média na faixa de 10 a 20 salários mínimos.

A área, do tipo linear, que se estende ao longo da Estrada de Itapecerica não apresenta estabelecimentos de compras, clubes e culturais. A média dos demais estabelecimentos também é baixa. No entanto, ela se destaca no setor de transporte, com duas estações de metrô e três terminais/corredores de ônibus. A renda média da população varia de 3 a 5 salários mínimos e 5 a 10 salários mínimos.

Considerações finais

Do que foi exposto, pode-se concluir que a cidade de São Paulo apresenta uma estrutura urbana ainda fortemente centralizada pelo chamado Centro Expandido. Ao redor dele, se concentram as principais áreas de centralidade, localizadas nos distritos de Itaim-Bibi/Santo Amaro, Campo Grande e Socorro/Cidade Dutra, no Sudoeste, Tatuapé, na zona Leste, e Vila Guilherme, na zona Norte. Quanto mais se afasta dessas áreas, no entanto, a rede de centralidades se configura como uma grande teia que segue as principais vias da cidade.

A pesquisa apontou também pouca diversidade dessas áreas, uma vez que quase 20% das mesmas são constituídas somente por estabelecimentos de comércio e serviços. Além disso, das 221 áreas de centralidade encontradas, 156 áreas apresentam uma média de estabelecimentos bastante inferior à da cidade, o que denota uma baixa capacidade de atendimento às diversas necessidades da população. Disso se conclui, também, que há pouca diferenciação em grande parte das mesmas.

Outro fator que merece destaque é a clara ligação entre o tipo de área (linear ou nuclear), o grau de diversidade dos estabelecimentos que possui e a renda da população. As áreas do tipo nuclear, que abrigam uma maior diversidade de usos e atividades, estão localizadas nas regiões próximas ao Centro Expandido, ocupadas por uma população de maior poder aquisitivo. Por outro lado, a maior parte do município é servida por uma rede de centralidades lineares, com baixa diversidade. Nesse sentido, é de se supor que o menor poder aquisitivo da população não oferece estímulos ou condições para que se desenvolvam subcentros fortes e diversificados, que sejam capazes de polarizar a vida dos bairros. Em certa medida, esse resultado da pesquisa era esperado. Uma vez que as empresas e, especialmente os serviços, seguem a lógica dos mercados socialmente dispersos, segmentados e segregados, as metrópoles brasileiras se convertem na expressão espacial das contradições sociais e as diversas centralidades existentes refletem as dualidades da sociedade, tanto em termos de seu padrão de distribuição no território metropolitano quanto de suas características internas.

Há que se considerar, ainda, que a forma nuclear ou linear dessas áreas tem impacto direto no cotidiano dos moradores. As centralidades nucleares seriam mais desejáveis como pólos dinamizadores da vida cotidiana dos bairros pois conseguiriam prover comércios e serviços numa proximidade maior, encurtando distâncias, dispondo-os na escala do pedestre. Ao contrário, as centralidades lineares tenderiam a aumentar as distâncias e a favorecer o deslocamento motorizado (em automóvel ou ônibus) uma vez que distribui os estabelecimentos em vias que podem alcançar grandes dimensões, como é o caso de várias áreas identificadas nesta pesquisa.

Além disso, a baixa diversidade da maioria dessas áreas mostra também que o comércio, os serviços e os empregos estão fortemente concentrados em algumas regiões da cidade, o

que provoca grandes deslocamentos casa-trabalho, com impactos negativos sobre os sistemas viário e de transportes.

Do ponto de vista urbanístico, a estruturação da área urbana por meio de diversas centralidades é bastante conveniente, pois seria uma forma de garantir a oferta de empregos e serviços essenciais à população próximos ao seu local de moradia. Além disso, essas áreas serviriam como pólos estruturadores dos bairros ou até mesmo de regiões da cidade. Dessa forma, um dos desafios que se apresenta para São Paulo é de criar, de fato, uma rede de centralidades que abranja todas as regiões, como forma de equilibrar e qualificar o seu território, especialmente os imensos espaços onde vive a maior parte da população de baixa renda.

Na cidade dispersa contemporânea, a existência desses centros se tornam ainda mais essenciais e políticas públicas deriam ser pensadas tanto com o objetivo de promover melhorias substanciais na infraestrutura urbana como também de definir novas áreas de centralidade com o fim de disseminar as atividades de comércio e serviços necessários, conferindo urbanidade a toda a cidade. Nesse sentido, os subcentros seriam, de fato, elementos de reequilíbrio e de relação entre os fragmentos e áreas da cidade.

Referências

ASCHER, François. **Metápolis**: acerca do futuro da cidade. Oeiras, Celta Editora, 1998.

CASTELLS, Manuel. **La ciudad informacional**. Tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional. Madrid, Alianza, 1995.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo, Cortez, Universidade de São Paulo, 2000.

SOJA, Edward W. **Postmetropolis**: critical studies of cities and regions. Oxford, Blackwell Publishers, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 2001.

_____. **A estrutura territorial da metrópole sul brasileira**: áreas residenciais e comerciais. USP-UFLCH – Departamento de Geografia. Tese, 1978.

¹ A pesquisa, em nível de pós-doutorado, foi realizada, em 2009, no Centro de Estudos da Metrópole – CEM/Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, e contou com apoio do CNPq, por meio de bolsa de PDJ.

² A tese de livre-docência do autor, apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, trata, na verdade, da análise da estrutura intra-

urbana das principais metrópoles brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, que originou, anos depois, o livro **Espaço intra-urbano no Brasil**.

³ O critério de ponderação utilizado pelo autor foi: lojas média = 1, lojas grandes e bancos = 2 e lojas de departamento e cinema = 3.

⁴ Embora a expressão Centro Expandido seja amplamente utilizada na literatura, não se encontrou uma definição clara de seus limites, variando a sua geografia conforme os diferentes tipos de análise e estudos sobre a cidade de São Paulo. Neste trabalho, Centro Expandido se referirá à área delimitada pelo perímetro do rodízio de carros do Município de São Paulo, partindo-se do pressuposto que essa região foi definida pela Companhia de Engenharia de Tráfego - CET, e assumida pela legislação de trânsito, como uma área de grande concentração de comércio, serviços e pessoas.